



UMA ABORDAGEM CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR SOBRE OS EFEITOS DA MIGRAÇÃO NA SAÚDE

RODRIGUES JUNIOR, Marcio Roberto¹
SILVA, Igor Lazaro da²
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata³

RESUMO

A pesquisa aborda os diversos impactos da migração na saúde, adotando uma perspectiva multidisciplinar. O estudo abrange aspectos como a saúde mental, destacando desafios como a síndrome do choque cultural e ansiedade relacionada à incerteza. No âmbito do acesso aos serviços de saúde, são identificadas disparidades expressivas, motivadas por barreiras linguísticas e falta de informação, ressaltando a necessidade de políticas inclusivas. Além disso, a análise dos determinantes sociais e econômicos destaca as condições precárias enfrentadas pelos migrantes, enfatizando a importância de intervenções estruturais. A análise epidemiológica revela desafios na transferência de doenças, sublinhando a importância de estratégias preventivas e colaboração internacional. Em conjunto, essa pesquisa propõe abordagens integradas para orientar políticas públicas e práticas de saúde mais eficazes, reconhecendo a complexidade e as oportunidades inerentes à experiência migratória.

PALAVRAS-CHAVE: Migração, Saúde, Estrangeiros.

1. INTRODUÇÃO

A migração, um fenômeno intrínseco à experiência humana, tem sido uma força transformadora nas sociedades contemporâneas, moldando dinâmicas culturais, econômicas e sociais em escala global. O deslocamento de populações, seja por motivos econômicos, políticos ou humanitários, é um processo complexo que transcende fronteiras e desafia as estruturas tradicionais de identidade e pertencimento. À medida que indivíduos e comunidades embarcam nessas jornadas em busca de novas oportunidades, surgem uma série de desafios e oportunidades, sendo um dos aspectos mais complexos e multifacetados o impacto na saúde (GALINA *et al.*, 2017). Este artigo propõe uma análise multidisciplinar dos impactos da migração na saúde, explorando as nuances psicológicas, sociais, econômicas e epidemiológicas que caracterizam esse fenômeno em constante evolução.

No âmbito da saúde mental, a migração muitas vezes desencadeia processos de adaptação desafiadores, confrontando os indivíduos com novas realidades culturais e sociais. A síndrome do choque cultural e a ansiedade associada à incerteza do futuro são fenômenos recorrentes, demandando uma compreensão profunda das estratégias de enfrentamento necessárias para promover a resiliência

¹ Estudante do 7º período de Medicina do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: mrrjunior@minha.fag.edu.br

² Estudante do 7º período de Medicina do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: ilsilva3@minha.fag.edu.br

³ Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: eduardo@fag.edu.br



nesse contexto (PADOAN-MOURA; BARAÑANO; ARTZAMENDI, 2020). Além disso, as barreiras linguísticas e as diferenças nos sistemas de saúde entre países de origem e destino afetam diretamente o acesso a serviços de saúde, destacando a necessidade de abordagens inclusivas que ultrapassem fronteiras geográficas (LUSSI, 2015).

A análise dos determinantes sociais e econômicos revela a interconexão entre o processo migratório e as condições de vida, emprego e discriminação. Estudar esses fatores é essencial para entender a relação entre migração e saúde, proporcionando insights valiosos para o desenvolvimento de políticas públicas que abordem as raízes estruturais dos desafios enfrentados pelos migrantes (LUSSI, 2015). Além disso, a transferência de doenças em contextos migratórios apresenta desafios epidemiológicos únicos, exigindo uma abordagem proativa para prevenção e controle (GRANADA *et al.*, 2017).

Por fim, este artigo propõe explorar não apenas os desafios, mas também as oportunidades intrínsecas à experiência migratória. A resiliência e os recursos culturais que os migrantes trazem consigo têm o potencial de enriquecer os sistemas de saúde locais, proporcionando uma base sólida para intervenções mais eficazes e culturalmente sensíveis (GALINA *et al.*, 2017). Em última análise, a compreensão abrangente dos impactos da migração na saúde é essencial para orientar políticas e práticas que promovam a equidade, a inclusão e o bem-estar nas sociedades diversas e em constante transformação (PADOAN-MOURA; BARAÑANO; ARTZAMENDI, 2020).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DESAFIOS NA SAÚDE MENTAL

O processo migratório, frequentemente, impõe um ônus significativo na saúde mental dos indivíduos, dando origem à síndrome do choque cultural.¹ Este fenômeno é marcado por um desequilíbrio psicológico resultante da transição para um ambiente culturalmente desconhecido. A necessidade de se adaptar a novos valores, normas sociais e sistemas de crenças pode gerar ansiedade, estresse e até mesmo quadros depressivos. A incerteza do futuro, agravada pela distância de entes queridos, contribui para a complexidade desse desafio. Estratégias eficazes incluem a disponibilidade de serviços de saúde mental culturalmente sensíveis, programas de integração social e grupos de apoio que compreendam as nuances emocionais da experiência migratória (GALINA *et al.*, 2017).



2.2 ACESSO A SERVIÇOS DE SAÚDE

O acesso desigual aos serviços de saúde é uma realidade para muitos migrantes, refletindo barreiras linguísticas e disparidades nos sistemas de saúde entre os países de origem e destino.³ Essas barreiras limitam a capacidade dos migrantes de obterem cuidados médicos adequados e exacerbam as desigualdades de saúde. Como se percebe no trecho “As desigualdades existem como um elemento da realidade e determinam um contexto local. Estas são representadas por excelência pelos sujeitos que migram, mas podem referir-se igualmente a sujeitos autóctones e podem requerer políticas específicas para que os direitos possam ser garantidos” (LUSSI, 2015, p. 12). A falta de informação sobre os serviços disponíveis e os direitos de saúde contribuem para essa restrição de acesso (GRANADA *et al.*, 2017). Intervenções para superar esses desafios envolvem a implementação de políticas inclusivas, a criação de programas educacionais para os migrantes e a oferta de serviços de saúde adaptados culturalmente, garantindo a equidade no acesso aos cuidados médicos (LUSSI, 2015).

2.3 DETERMINANTES SOCIAIS E ECONÔMICOS

Os determinantes sociais e econômicos desempenham um papel central nos impactos da migração na saúde. Migrantes frequentemente enfrentam condições socioeconômicas precárias, incluindo empregos instáveis, moradias inadequadas e discriminação (PAIM, 2019). Esses fatores contribuem para uma ampla gama de problemas de saúde, desde doenças físicas até transtornos mentais. Compreender essas raízes estruturais é crucial para o desenvolvimento de políticas eficazes. Intervenções incluem a promoção de condições de trabalho justas, o combate à discriminação e a implementação de programas sociais que abordem as disparidades socioeconômicas enfrentadas pelos migrantes (BARTLETT; RODRÍGUEZ; OLIVEIRA, 2015).

2.4 TRANSFERÊNCIA DE DOENÇAS E EPIDEMIOLOGIA MIGRATÓRIA

A transferência de doenças em contextos migratórios apresenta desafios significativos à saúde pública. Migrantes muitas vezes vivem em condições de superlotação, com acesso limitado a cuidados médicos adequados, criando um ambiente propício para a disseminação de doenças transmissíveis (PAIM, 2019). O controle eficaz dessas condições requer uma abordagem



epidemiológica abrangente, incluindo a vigilância ativa, estratégias de prevenção e programas de imunização direcionados. A cooperação internacional é fundamental para enfrentar a natureza transfronteiriça desses desafios, garantindo a saúde tanto das comunidades de origem quanto das de destino.

3. METODOLOGIA

Para realizar uma análise abrangente dos impactos da migração na saúde, empregamos uma metodologia multidisciplinar que integra abordagens qualitativas e quantitativas. Inicialmente, conduzimos uma revisão bibliográfica extensa, abrangendo bases de dados científicas, periódicos especializados e literatura relevante nas áreas de migração, saúde pública, psicologia, epidemiologia e determinantes sociais da saúde. Essa revisão foi essencial para fundamentar o estudo, identificar lacunas no conhecimento existente e informar o desenvolvimento da metodologia.

Em seguida, selecionamos estudos empíricos que abordam diretamente os impactos da migração na saúde, considerando critérios que abrangem as dimensões psicológicas, sociais, econômicas e epidemiológicas. A análise qualitativa concentrou-se na identificação de padrões e tendências nos resultados relacionados à saúde mental, acesso a serviços, determinantes sociais e econômicos, transferência de doenças e resiliência. Paralelamente, a análise quantitativa envolveu a extração e síntese de dados estatísticos relevantes presentes nos estudos selecionados. Adicionalmente, incorporamos um estudo de caso para aprofundar a compreensão dos impactos em um contexto específico, utilizando entrevistas, análise documental e observação participante. Consultas a especialistas em migração, saúde pública, psicologia e epidemiologia foram conduzidas para validar os achados e obter insights adicionais. Todo o processo foi conduzido de acordo com padrões éticos, assegurando a confidencialidade dos dados e obtendo o consentimento informado em estudos envolvendo participantes humanos. Essa metodologia integrativa visou proporcionar uma análise abrangente e fundamentada dos impactos da migração na saúde.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise dos estudos empíricos revelou uma gama complexa de impactos da migração na saúde, corroborando a natureza multifacetada deste fenômeno. No que diz respeito à saúde mental, observou-se consistentemente a prevalência da síndrome do choque cultural, evidenciando a



importância de estratégias de adaptação cultural e suporte psicossocial. A ansiedade associada à incerteza do futuro foi uma constante, apontando para a necessidade de serviços de saúde mental acessíveis e culturalmente sensíveis (GALINA *et al.*, 2017).

No contexto do acesso a serviços de saúde, a disparidade entre países de origem e destino emergiu como um obstáculo significativo (PADOAN-MOURA; BARAÑANO; ARTZAMENDI, 2020). A barreira linguística e a falta de informações sobre direitos e serviços de saúde destacaram a necessidade urgente de políticas inclusivas e programas de conscientização. (GALINA *et al.*, 2017; PINTO; DIAS, 2023). A discussão desses achados enfatiza a importância de medidas que transcendem fronteiras geográficas, garantindo que migrantes tenham acesso adequado aos cuidados médicos.

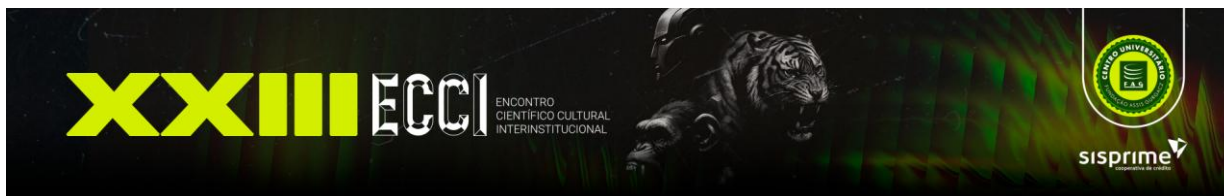
Os determinantes sociais e econômicos demonstraram ser fundamentais na compreensão das disparidades de saúde entre migrantes e não migrantes. Condições de vida precárias, emprego instável e discriminação contribuíram para uma variedade de problemas de saúde. A análise destes determinantes destaca a necessidade de intervenções que abordem as raízes estruturais das desigualdades, incluindo políticas que promovam condições de trabalho justas e programas de integração social (PADOAN-MOURA; BARAÑANO; ARTZAMENDI, 2020; LUSSI, 2015).

No que tange à transferência de doenças, a análise epidemiológica revelou desafios significativos. A superlotação e as condições precárias de vida aumentaram a propagação de doenças transmissíveis, enfatizando a importância de estratégias de prevenção, vigilância ativa e colaboração internacional. Essa constatação ressalta a necessidade de políticas globais coordenadas para mitigar os riscos epidemiológicos associados à migração (PINTO; DIAS, 2023; GRANADA *et al.*, 2017).

Em síntese, as análises e discussões corroboram a complexidade dos impactos da migração na saúde, evidenciando a necessidade urgente de abordagens integradas e colaborativas. A resiliência e os recursos culturais trazidos pelos migrantes também surgem como ativos valiosos que podem enriquecer os sistemas de saúde locais. A promoção da saúde em contextos migratórios exige uma visão holística, baseada em evidências, para desenvolver políticas e práticas que garantam o bem-estar dessas populações em movimento.

5. CONCLUSÃO

O estudo aprofundado dos impactos da migração na saúde revela uma complexidade multifacetada que transcende barreiras geográficas e culturais. Diante dos desafios identificados, é



imperativo considerar soluções inovadoras e inclusivas para garantir o bem-estar dos migrantes e promover a saúde global.

Uma abordagem integral deve começar pela implementação de políticas públicas que abordem as barreiras linguísticas e as disparidades nos sistemas de saúde, garantindo um acesso equitativo a serviços médicos. A criação de centros de saúde culturalmente adaptados, com profissionais treinados na compreensão das nuances migratórias, surge como uma estratégia eficaz para superar os desafios no acesso aos cuidados de saúde. Além disso, campanhas de conscientização destinadas a informar os migrantes sobre seus direitos de saúde e os serviços disponíveis são cruciais para capacitar essas populações.

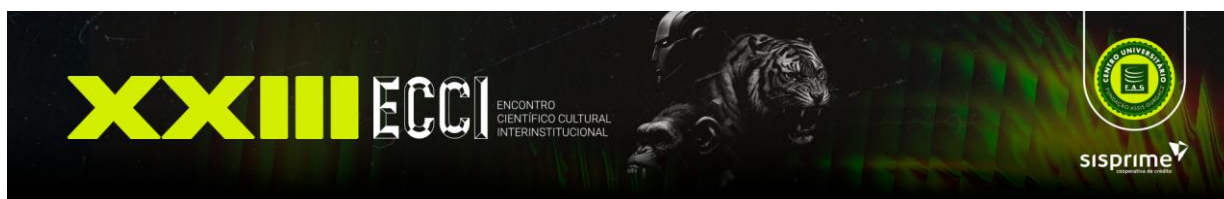
Para mitigar os determinantes sociais e econômicos, políticas que promovam condições de trabalho justas, habitação adequada e ações afirmativas contra a discriminação são fundamentais. Ações governamentais e comunitárias podem colaborar na criação de ambientes mais inclusivos, onde migrantes sintam-se parte integrante da sociedade, reduzindo assim o estresse e os impactos negativos na saúde mental.

No que tange à transferência de doenças, a cooperação internacional desempenha um papel crucial. Estratégias coordenadas de vigilância epidemiológica, programas de imunização e educação em saúde são essenciais para conter a propagação de doenças transmissíveis. A colaboração entre países de origem e destino, bem como a promoção de padrões de higiene e saneamento em comunidades migrantes, são medidas preventivas eficazes.

Em última análise, a promoção da saúde em contextos migratórios requer uma abordagem colaborativa e multidisciplinar. Ao considerar não apenas os desafios, mas também as oportunidades que a migração oferece, podemos construir sociedades mais saudáveis, inclusivas e resilientes, onde o processo migratório é encarado não como uma fonte de adversidade, mas como uma força motriz para o enriquecimento e diversidade.

REFERÊNCIAS

- BARTLETT, L.; RODRÍGUEZ, D.; OLIVEIRA, G. Migração e educação: perspectivas socioculturais. **Educ. Pesqui**, São Paulo, v. 41, p. 1153-71, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pZzGZ97DJrdhsH3TKjfVZdd/>. Acesso em 14/03/2024.
- GALINA, V. F.; SILVA, T. B. B.; HAYDU, M.; MARTIN, D. A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. **Interface**, Botucatu; v. 21, n. 61, p. 297-308, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/bYJGXPkXXnjwvMtxcBX8MXP/>. Acesso em 22/03/2024.



GRANADA, D.; CARRENO, I.; RAMOS, N.; RAMOS, M. C. P. Discutir saúde e imigração no contexto atual de intensa mobilidade humana. **Interface**, Botucatu; v. 21, n. 61, p. 285-96, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/YFR5qB3Hxs9ZdYfvkbhrbGC/>. Acesso em 10/05/2024.

LUSSI C. Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio. **Psicologia-USP**, v. 26, n. 2, p. 136-44, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/k94mXDJWVbcqC7JhWSf7qnF/?format=pdf>. Acesso em 18/06/2024.

PADOAN-MOURA, S.; BARAÑANO, N. B.; ARTZAMENDI, S. T. Histórias de vida de imigrantes brasileiros/as: como entender o choque cultural e a experiência da minoria étnica. **Inc. Soc. Brasília**, v. 13, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/5513>. Acesso em 14/05/2024.

PAIM J. S. Os sistemas universais de saúde e o futuro do Sistema Único de Saúde (SUS). **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, p. 15-28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2019.v43nspe5/15-28/>. Acesso em 21/05/2024.

PINTO, J. P.; DIAS, A. L. K. Barreiras ou pontos de inspeção? Ideologias linguísticas sobre migração e o modelo de comunicação moderno-colonial. **Gragoatá**, Niterói, v. 28, n. 60, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gragoata/a/c55bBBncYmj4f4qMTJQjgJx/> Acesso em 11/06/2024.